


INSTITUTO

Documentação
 MEIO AMBIENTE
 Fonte Epoca
 Data 04/12/2000 Pg 76-78
 Class 10

MEIO AMBIENTE

O mito contestado

Ecologistas denunciam a invasão de parques nacionais por tribos indígenas e colocam os nativos na incômoda posição de predadores

Aos olhos do mundo branco, desenvolvido e culto, os índios brasileiros sempre foram protetores da natureza e herdeiros de seu hábitat. Tal imagem começa a ser contestada por uma voz inesperada – a dos ecologistas. O confronto já foi declarado. Defensores do meio ambiente estão revoltados com as invasões indígenas em três das mais importantes reservas nacionais. Os nativos são acusados de caçar e desmatar em parques protegidos por lei, santuários onde a ocupação humana é punida com prisão.

O estopim da crise coincide com a invasão do Parque Nacional do Araguaia, no Estado do Tocantins. Combinação única de cerrado, pantanal e floresta amazônica, o parque ocupa um quarto da Ilha do Bananal. No dia 22 de outubro, os javaés e os carajás, donos do restante da ilha, reagiram com violência a uma ação do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). Os fiscais apreenderam na reserva três tartarugas caçadas pelos índios, e o clima esquentou. A sede do parque foi cercada pelas tribos.

A Polícia Federal mobilizou agentes para evitar um ataque. Amedrontados, os fiscais do Ibama decidiram abandonar a área.

A principal invasão ocorreu no Parque Nacional do Monte Pascoal, um dos raros vestígios de Mata Atlântica no sul da Bahia, ainda com florestas de pau-brasil. Os pataxós, habitantes de uma reserva de 8.600 hectares no local, ocuparam a área de preservação ambiental em 1º de agosto. Desde então, controlam a sede administrativa e cobram ingresso dos turistas. Planejam incorporar a seus domínios os 22.500 hectares do parque. "O-



POSSE Os índios pataxós tomaram o Parque Nacional do Monte Pascoal (à esq.), na Bahia, e devastaram áreas de Mata Atlântica (acima)

COMERCIO ILEGAL Há dois anos, fiscais prenderam calapós que vendiam mogno em reserva indígena no sudeste do Pará



pataxós não têm um modo de vida sustentável”, afirma Marília Marreco, presidente do Ibama. “Eles acabaram com a Mata Atlântica da reserva indígena do Monte Pascoal e agora estão derrubando a floresta do parque.”

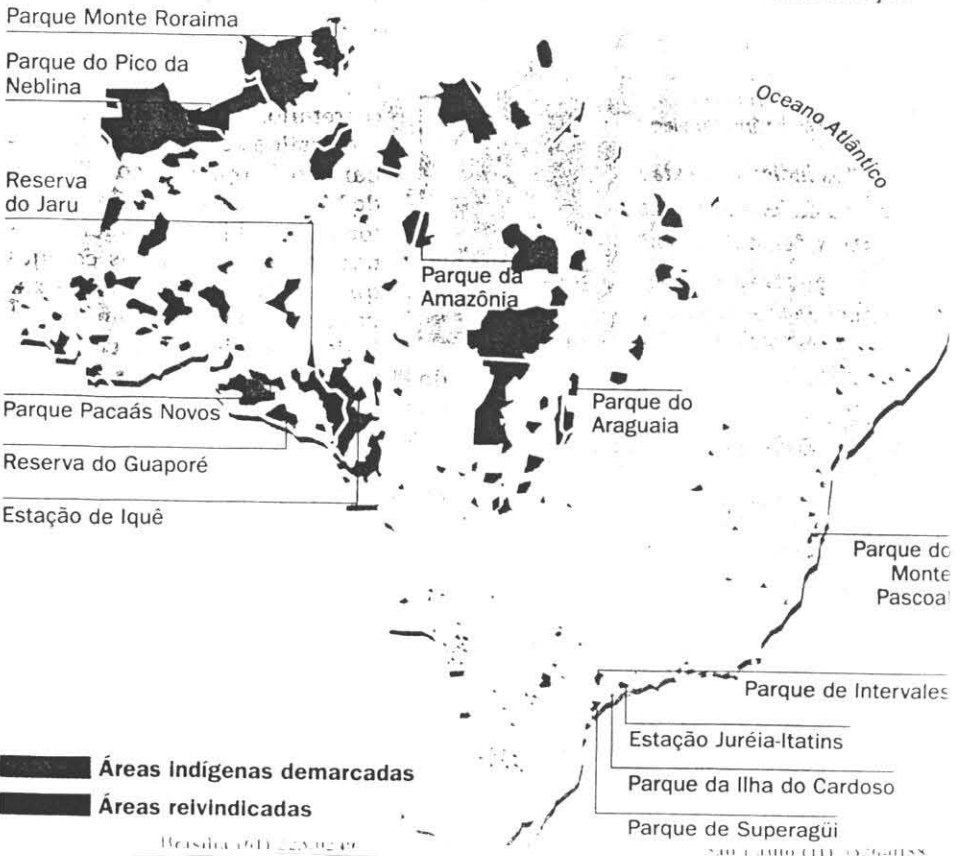
O Lagamar, um conjunto de áreas de preservação no litoral de São Paulo e do Paraná considerado Patrimônio Natural da Humanidade pela Unesco, também foi atacado. Em 1992, grupos nômades de guaranis aportaram no Parque Nacional de Superagüi, dentro do complexo, na divisa dos dois Estados. Segundo a chefe do parque, Guadalupe Vivekananda, eles abriram clareiras e estão cortando palmito, o que é proibido por lei. Há denúncias de que estejam caçando duas espécies em extinção – o mico-leão e o papagaio-da-cara-roxa. “Tentam vender os animais a turistas”, diz Guadalupe. Também já entraram nos parques estaduais de Intervalos e da Ilha do Cardoso e na Estação Ecológica Juréia-Itatins.

As ocupações são defendidas por organizações indigenistas. “A Constituição proíbe qualquer domínio das terras tradicionalmente ocupadas pelos índios”, argumenta Saulo Feitosa, vice-presidente do Conselho Indigenista Missionário (Cimi). “Tais áreas pertenceram aos índios no passado.” A Funai endossa a tese. “Esses parques são terra de índio”, afirma o presidente da fundação, Glênio Alvarez, reivindicando a incorporação às reservas indígenas de 11 milhões de hectares hoje pertencentes a parques ecológicos. As tribos rebeldes não estão sem terras. Querem ampliar fronteiras.

Os 300 mil índios brasileiros ocupam uma área de 96 milhões de hectares, 11% do território nacional. As reservas ecológicas têm dimensões mais modestas – somam 34 milhões de hectares. Os ambientalistas querem que o governo federal desapropriar terras próximas às áreas em disputa, em vez de sacrificar os santuários protegidos.

Aglutinadora das 16 maiores organizações ecológicas do país, a Rede Pró-Unidades de Conservação cobra do Planalto providências contra as invasões. O conflito dominou o Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação, realizado há um mês em Campo Grande, em Mato Grosso do Sul. Originou uma moção assinada por 900 ambientalistas. ▶

FOME DE TERRA Os índios detêm 11% do território nacional. A Funai acha pouco e disputa áreas em unidades de conservação

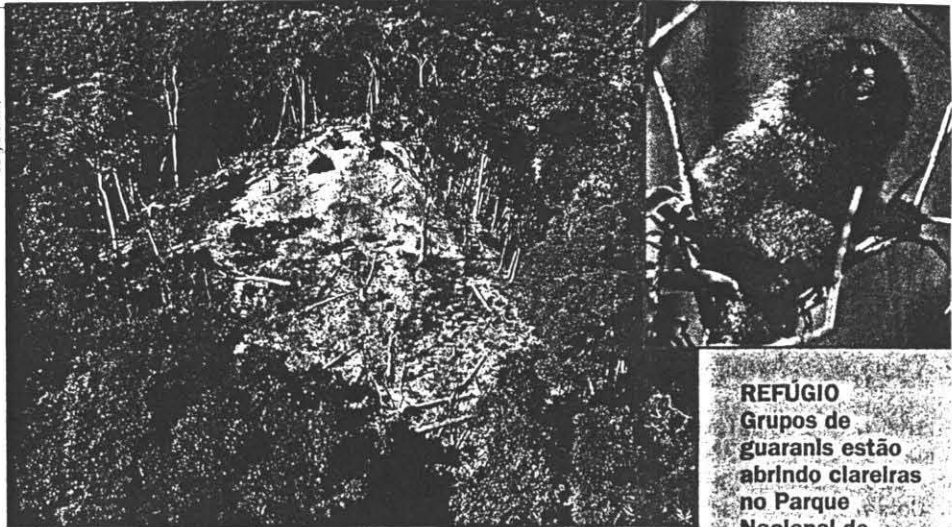


As vozes do conflito

Invasões de reservas ecológicas expõem as divergências entre ONGs, promotores públicos e órgãos do governo

Francisca Picayo

Sérgio Brant



REFÚGIO
Grupos de guaranis estão abrindo clareiras no Parque Nacional de

Superagül, último refúgio do mlco-leão-da-cara-preta, um dos primatas mais ameaçados do planeta



"O Ibama não tem sensibilidade com os índios"

SAULO FEITOSA,
vice-presidente do Conselho Indigenista Missionário

"As Invasões fazem parte de um movimento organizado"

MÁRIO MANTOVANI,
diretor da SOS Mata Atlântica



Fernando Carmelli/Oxigênio

Ecologistas reconhecem que remover os índios dos territórios protegidos é missão árdua. O Ibama dispõe de uma ordem judicial para retirar os invasores do Parque Nacional do Monte Pascoal. Não tem coragem de executá-la com receio da repercussão internacional que um eventual confronto possa provocar. "Não podemos usar a força", afirma Luiz Márcio Haddad, diretor de Unidades de Conservação do Ibama. A Secretaria do Meio Ambiente paulista também não cogita expulsar os guaranis dos santuários no litoral. "É problema para a Funai resolver", exime-se o secretário, Ricardo Tripoli.

A Justiça se abala com o bombardeio de opiniões conflitantes do Ministério Público. Os promotores incumbidos de defender os nativos se opõem aos colegas que levam adiante as queixas dos ambientalistas. Diante do imbróglio, o Palácio do Planalto criou uma comissão que envolve os ministérios da Justiça e do Meio Ambiente mais 15 ONGs. Não há prazo estabelecido para a conclusão dos trabalhos e a apresentação de um diagnóstico.

A imagem dos índios como protetores naturais da floresta começou a ganhar força nos anos 80. O mito do bom selvagem contou com um propagandista de peso: o cacique Raoni, um caiapó que saiu pelo mundo defendendo a causa. Raoni angariou a simpatia de celebridades, como o cantor Sting. Os ecologistas, na ocasião, alimentaram a ideia de que dar terra aos índios era a forma eficaz de proteger um vasto pedaço da floresta amazônica. Com o status de preservacionistas, os índios tiveram força para, em uma década, triplicar os domínios demarcados. Uma pesquisa do Ibope mostrou que 88% dos brasileiros acham que as tribos não exercem atividades predatórias. Tal crença esmaeceu em 1998, quando caiapós do Pará foram flagrados contrabandeando mogno. À luz das últimas invasões, os ambientalistas insurgem-se contra o mito. "Em reservas de extensões pequenas, eles degradam tanto quanto o homem branco", afirma Marc Dourojeanni, assessor ambiental do Banco Interamericano de Desenvolvimento. Saulo Feitosa, representante do Cimi, reconhece que várias tribos já se esqueceram de como se vive em harmonia com a natureza. "Muitas lideranças foram corrompidas pelos brancos e até as lendas de preservação das matas, como a do curupira, estão sendo desprezadas", explica. Feitosa acredita que os oponentes ainda podem se entender. "Os ecologistas devem admitir que, apesar de tudo, a terra do índio ainda é mais preservada que a do branco".

Figura masculina com os pés virados para trás, o curupira defende a mata dos caçadores

estão sendo desprezadas", explica. Feitosa acredita que os oponentes ainda podem se entender. "Os ecologistas devem admitir que, apesar de tudo, a terra do índio ainda é mais preservada que a do branco".

ALEXANDRE MANSUR
E DECIO VIOTTO



"Os índios têm direito ancestral sobre todas as terras em questão"

MARIA ELAINE DE FARIAS
coordenadora das Comunidades Indígenas do Ministério Público

"Os índios não estão acima da lei. Em alguns casos, terão de ceder"

ROBERTO GURGEL,
coordenador do Meio Ambiente do Ministério Público



Marco Antonio Rezende/ÉPOCA

"Os índios não são invasores"

GLÊNIO ALVAREZ,
presidente da Fundação Nacional do Índio



"Eles não podem continuar dentro das unidades de conservação"

MARÍLIA MARRECO,
presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente



Roberto Castro/ÉPOCA